
IDENTIDADE E MEMÓRIA: A CONSTRUÇÃO DE UMA CLASSE

IDENTITY AND MEMORY: THE CONSTRUCTION OF A CLASS

Adriana Romero Lopes
Mestranda no PPGH-UPF
adriana.lopes@bento.ifrs.edu.br

RESUMO: A memória está intrinsicamente ligada a construção de identidades, tanto coletivas como individuais. Seu estudo tem perpassando diferentes ciências, indo desde a Psicologia, Sociologia, Antropologia aos estudos da História. Visando uma análise de como se deu a construção da chamada “classe ferroviária”, buscamos por meio de relatos de ex-trabalhadores ferroviários, suas experiências e vivências, para entender, como havia e ainda há pessoas que afirmam possuir grande orgulho por ser ferroviário, diferentemente de outras categorias, por mais que tenha sido este trabalho penoso e sofrido. Os trabalhadores ferroviários que hoje estão aposentados vivem de memórias. A identidade a qual muitos defendem e o “orgulho” ao trabalhar na Viação Férrea do Rio Grande do Sul (V.F.R.G.S.), perpassam gerações. O trem desde sua invenção sempre foi um grande desencadeador de imaginários. A figura do trem, sua imponência, sempre esteve presente na vida das pessoas que se dedicaram a ofícios ligados a ele. Não apenas o trabalhador era envolvido pela magia do trem, mas as pessoas que conviviam com esses trabalhadores e também, os moradores próximos às estações. Procurando verificar, como se criou essa “classe ferroviária”, esse “orgulho” tão expressivo para muitos aposentados da V.F.R.G.S., analisaremos os conceitos que são imprescindíveis para a compreensão do que buscamos: memória e identidade.

PALAVRAS-CHAVE: Memória. Identidade. Ferroviários.

ABSTRACT: The memory is intrinsically linked to the construction of collective identities, both the individual. His study has different Sciences, bypassing ranging from psychology, Sociology, anthropology, the study of the history. For an analysis of how the construction of the so-called "train class", we seek through reports of former rail, their experiences and experiences, to understand, there were and there are still people who claim to have great pride for being rail, unlike other categories, as much as I've been this drudgery and suffered. Rail workers who today are retirees living on memories. The identity which many advocate and the "pride" while working on Railway Traffic of Rio Grande do Sul (V. F. R. G. S.), found in generations. The train since its invention has always been the great imaginary causes. The figure of the train, their grandeur, has always been present in the lives of people who dedicated themselves to crafts connected to it. Not only the worker was engaged by the magic of train, but people who coexisted with these workers and also, residents near the stations. Looking for check, as if created this "train class", this "pride" the expressive for many retirees from the V. F. R. G. S., we will look at the concepts that are essential to the understanding of what we seek: memory and identity.

KEYWORDS: Memory. Identity. Railworkers.

Introdução

Quando nos referimos à ferrovia, fazemos alusão ao trem, à máquina propriamente dita e a tudo o que esses elementos envolveram em sua história. A ferrovia, desde o seu surgimento, apresentou-se como o elemento símbolo de uma modernidade e aplicação de novas tecnologias, fruto da atuação de grandes capitais, que no movimento histórico da Revolução Industrial chegaram a todos os continentes.

Numa história que privilegia as referências à grandiosidade de empreendimentos ferroviários, não podemos nos esquecer dos sujeitos essenciais desse processo: os trabalhadores ferroviários, aqueles que fizeram por décadas os trens circularem. Devido a isso, o presente artigo refere-se a pesquisa de mestrado que está sendo desenvolvida referente a construção identitária dos trabalhadores ferroviários da linha São Paulo- Rio Grande, especificamente, os ramais Erechim- Gaurama- Viadutos e Marcelino Ramos, em dois períodos distintos, o da sua ascensão e de seu declínio. Essa análise será realizada por meio de entrevistas com ferroviários aposentados, para procurar entender a construção dessa identidade por meio de seus próprios relatos. Procuraremos também, trabalhar com documentações da V.F.R.G.S. e da Rede Ferroviária Federal S/A, para embasar esses discursos, além de jornais e revistas ferroviárias desse período.

Importa salientar, então, que o serviço manual e a presença física do trabalhador ferroviário foram indispensáveis, uma vez que, até 1997 (quando ocorreu o fechamento da linha na região norte do Rio Grande do Sul- Ramais: Erechim- Gaurama- Viadutos- Marcelino Ramos), as comunicações entre as estações, a manutenção dos trilhos e outras atividades inerentes, eram executadas de forma quase artesanal com o nível de tecnologia própria daquele tempo.

A pesquisa a ser desenvolvida será dividida em dois marcos temporais. No primeiro focaremos os anos de 1957 a 1967, pois foi nesse período que ocorreu a federalização da malha ferroviária gaúcha, e no qual ocorreram inúmeras mudanças no setor ferroviário, especialmente devido a essa transição. Nesse espaço temporal, os trabalhadores estavam em um momento de certa estabilidade na rede férrea, sendo seu trabalho considerado de grande

utilidade pública. O segundo marco temporal, corresponde à década de 90, mais precisamente entre os anos de 1990 a 1997, pois foi nesse período que se iniciou a decadência da ferrovia na região estudada, sendo ela sucateada e por fim, desativada.

Os operários ferroviários geralmente estão associados a lutas sociais, por serem uma categoria identificada como unida, e com extremo valor ao trabalho a qual executavam. Entretanto como se formou essa identidade, e como, se é que há um orgulho e honra em ter sido trabalhador ferroviário ou apenas uma maneira de maquiagem os sofrimentos e dificuldades do trabalho pesado? O que diferencia essa aparente dedicação e união dos ferroviários perante outras categorias?

A história ferroviária está intrinsecamente ligada a história do desenvolvimento tecnológico urbano e de diferentes regiões. Há vários trabalhos realizados sob diferentes óticas com relação a história da ferrovia e dos indivíduos envolvidos com ela. A maioria dos trabalhos referencia a importância do setor ferroviário para o desenvolvimento dos transportes e do povoamento de diferentes regiões. Nos últimos anos, surgiram pesquisas referentes ao operariado ferroviário, seu cotidiano, suas lutas político ideológicas. No entanto, há muito ainda a ser trabalhado e pesquisado sobre esses indivíduos, especialmente referente a chamada “classe ferroviária¹”, a qual muitos referenciam ao falar sobre a ferrovia e o trabalho na linha.

O presente artigo tratará, especificadamente, dos conceitos que são imprescindíveis para nossa pesquisa, são eles: memória e identidade.

A construção da identidade dos trabalhadores ferroviários

Os trabalhadores ferroviários que hoje estão aposentados e nos quais procuramos focar nossa pesquisa, vivem hoje, de memórias. A identidade a qual muitos defendem e o “orgulho” ao trabalhar na Viação Férrea do Rio Grande do Sul (V.F.R.G.S.), perpassam gerações. A figura do trem, sua imponência (não tratando apenas da questão do desenvolvimento de

¹Pela dimensão atingida pelos transportes ferroviários em todo o mundo, os trabalhadores do setor acabaram alcançando certo *status* profissional, o qual gerou no interior desse grupo a expectativa de serem cidadãos de uma “classe exclusiva”. Seria essa perspectiva um equívoco, de não compreensão do que seria uma “classe social”? (FLÔRES, 2008, p.18).

diferentes lugares), sempre esteve presente na vida das pessoas que se dedicaram ao ofício ligado ao trem.

Procurando analisar, como se criou esse “orgulho” tão expressivo para muitos aposentados da V.F.R.G.S., analisaremos os conceitos que são imprescindíveis para a compreensão do que buscamos: memória e identidade. A memória todos possuímos, selecionamos (mesmo inconscientemente) os fatos que mais nos marcaram, ou esquecemos os que nos constrangeram. Para que a criação de uma identidade se perpetue, é necessário muito mais que apenas amor, solidariedade e união. São inúmeros os fatores que estão envolvidos, e os quais buscaremos aqui, desmembrá-los e verificá-los.

Memória e identidade

Memória é um conceito amplo e por meio do qual podemos identificar e reconstruir histórias antes vividas e muitas vezes deixadas de lado no meio acadêmico. Por meio de análises de acontecimentos trazidos em forma de lembranças, podemos verificar fatos históricos de sujeitos considerados anônimos, mas que no seu cotidiano podem contribuir imensamente para preencher as lacunas que muitas vezes a história vem a deixar. Por meio do estudo da memória podemos identificar a construção de identidades, tanto individuais como coletivas. O discurso de um grupo, quando trabalhado em conjunto, geralmente compõe-se de fatos semelhantes². Como nos coloca Ualy Castro Matos (2013)

“O conceito de identidade pode ser definido como um conjunto de aspectos individuais que caracterizam uma pessoa. No entanto, entendemos identidade como plural, constituída a partir das relações sociais, o que tem caráter de metamorfose, por compreender o processo de permanente mudança que os encontros nos possibilitam.” (2013, n.p.)

²Com relação a isso, “Maurice Holbawachs evoca o *depoimento da testemunha*, que só tem sentido em relação a um grupo do qual esta faz parte, porque pressupõe um evento real vivido outrora em comum e, através deste evento, depende do contexto de referência no qual atualmente transitam o grupo e o indivíduo que o atesta. Quer dizer, o “eu” e sua duração se localizam no ponto de encontro de duas séries diferentes e às vezes divergentes: a que se liga aos aspectos vivos e materiais da lembrança, a que reconstrói o que é apenas passado. O que seria desse “eu”, se não fizesse parte de uma “comunidade afetiva” de um meio “efervescente”- do qual tenta se livrar no momento em que “se lembra”.” (HOLBWACHS, p. 12, 2003).

A memória está intrinsecamente ligada a construção de identidades, tanto coletivas como individuais. Seu estudo tem perpassando diferentes ciências, indo desde a Psicologia, Sociologia, Antropologia aos estudos da História.

Segundo João Carlos Tedesco (2004), as questões relativas a memória, sempre geraram preocupações e análises no campo das ciências humanas. Mas, somente agora é que seus instrumentos analíticos e metodológicos começariam a ser problematizados. Isso geraria um *boom* de pesquisas historiográficas relativas ao cotidiano, analisando experiências de vida das chamadas “classes complexas” (TEDESCO, 2004, p.27).

Os estudos da memória não se restringem, hoje, à Psicologia e a Neurofisiologia, sendo a memória um dos meios pelos quais diversas ciências vêm se interessado, pois se tornou um dos meios de abordagem dos problemas do tempo e também da História. Antonio Torres Montenegro considera que, apesar de existir distinções entre memória e História, essas, seriam inseparáveis, pois a História, segundo ele, “[...] é uma construção que resgata o passado do ponto de vista social, é também um processo que encontra paralelos em cada indivíduo por meio da memória.” (SILVA; SILVA, 2013, p.276), dessa forma a memória hoje, pode ser trabalhada como documento histórico.

No século XIX, quem iniciou os estudos e debates em torno da memória humana foi o psicanalista Sigmund Freud. Para Freud a memória possui um caráter seletivo, ou seja, lembramo-nos de fatos e de coisas de forma parcial, lembranças estas que dependem de estímulos externos, e possuímos a capacidade de escolhermos nossas lembranças. Segundo ele, nossa memória não pode ser comparada com um simples repositório de lembranças, “[...] nossa mente não é um museu.” (SILVA; SILVA, 2013, p. 275).

A memória é uma ferramenta de extrema importância para a compreensão do sentido de identidade, tanto a individual, como a coletiva. Segundo Verena Alberti (2011),

A memória é essencial a um grupo porque está atrelada à construção de sua identidade. Ela [a memória] é resultado de um trabalho de organização e de seleção do que é importante para o sentimento de unidade, de continuidade e de coerência- isto é- de identidade. (PINSKY, 2011, p. 167).

Já David Lowenthal, afirma que não há como separar identidade e memória, pois para ele “[...] identidade e memória estão indissociavelmente ligadas, pois sem recordar o passado não é possível saber quem somos. E nossa identidade surge quando evocamos uma série de lembranças.” (SILVA; SILVA, 2013, p. 204). E ao evocarmos essas lembranças, selecionamos, mesmo que de forma inconsciente, o que mais nos marcou. E ao fazermos essa evocação em grupo, tornar-se mais fácil os discursos serem parecidos, pois nossas lembranças são muito mais coletivas do que individuais. Podemos ver isso no que diz a Ecléa Bosi “Quando queremos lembrar o que aconteceu nos primeiros tempos da infância, confundimos muitas vezes o que se ouviu dizer aos outros com as próprias lembranças [...]. Daí o caráter não só pessoal, mas familiar, grupal, social, da memória.” (BOSI, 1987, p.22). Vemos por meio das colocações feitas até o momento que, a memória é na verdade criada pelo convívio, pelo coletivo.

Márcia Maria Menendes Motta (2012), ao tratar da memória diz que, esta muitas vezes perpassa o tempo dos indivíduos que vivenciaram determinado acontecimento. Segundo a historiadora

[...] as possibilidades abertas pelo fenômeno de projeção ou de identidade tão forte com um passado, que pessoas que não o viveram se sentem coparticipantes e sujeitos desse mesmo passado. Isso significa dizer que é possível nos lembrarmos de algo que não nos atingiu diretamente, mas que, por uma razão ou outra, contaminou nossa própria lembrança. Assim, é coerente registrar que há acontecimentos que traumatizam tanto um grupo, que a memória daquele fato, por ser ‘transmitida’ ao longo de séculos com altíssimo grau de identificação. (MOTTA In CARDOSO; VAINFAS, 2012, p, 20).

Verificamos por meio desse fragmento que a memória coletiva, mesmo não pertencendo a seu interlocutor pode atingi-lo de forma a que este se identifique com essa memória. Assim, ao ouvir por inúmeras vezes o mesmo relato, esse indivíduo passa a sentir-se parte do fato, identificando-se com ele. Isso não quer dizer que a memória individual deixe

de existir³. Segundo Luana Aparecida Matos Leal (2012), a memória individual estaria enraizada em diferentes contextos nos quais, haveria a presença de diferentes participantes, permitindo a transposição de sua memória individual para um conjunto de acontecimentos que seriam compartilhados por determinado grupo, passando então a ser uma memória coletiva. Leal afirma que “[...] mesmo fazendo parte de um grupo, o indivíduo não se descaracteriza e consegue distinguir o seu próprio passado.” (LEAL, 2012, p. 04).

Pois, muitas vezes para reafirmar uma identidade, ou simplesmente manter na memória determinado fato, o ser humano utiliza-se de símbolos e signos, representados estes por monumentos, templos, fotografias. Os indivíduos se apegam a qualquer vestígio que possa manter na memória tal fato. Lembramos também que isso pode ocorrer com o próprio esquecimento, destruindo ou apagando qualquer símbolo ou signo que possa remeter-lhe a certo acontecimento. Bosi (1987) compara a memória com um vaso quebrado, o qual o historiador de maneira cuidadosa deve analisar e compreender o contexto no qual esse estava inserido, segundo a autora,

Se por acaso esquecemos, não basta outros testemunhos [...]É preciso mais: é preciso estar sempre confrontando, comunicando e recebendo impressões para que nossas lembranças ganhem consistência. Imagine-se um arqueólogo querendo reconstituir, a partir de fragmentos pequenos, um vaso antigo. É preciso mais que cuidado e atenção com esses cacos; é preciso compreender o sentido que o vaso tinha para o povo a quem pertenceu. A que função servia na vida daquelas pessoas? Temos que penetrar nas noções que as orientam, fazer um reconhecimento de suas necessidades, ouvir o que já não é audível. Então recomporemos o vaso e conheceremos se foi doméstico, ritual, floral [...] (BOSI, 1987, p.414).

Como afirma Michel Pollak,

³Para Holbwachs “(...) a memória individual existe, mas está enraizada em diferentes contextos que a simultaneidade ou a contingência aproxima por um instante. A rememoração pessoal está situada na encruzilhada das redes de solidariedades múltiplas em que estamos envolvidos. Nada escapa à trama sincrônica da existência social *atual*, é da combinação desses diversos elementos que pode emergir aquela forma que chamamos lembrança, porque a traduzimos em uma linguagem.”(p.12, 2003)

[...] existem nas lembranças de uns e de outros zonas de sombra, silêncios, ‘não-ditos’. [...] É aí que intervém, com todo o poder, o discurso interior, o compromisso do não-dito entre aquilo que o sujeito se confessa a si mesmo e aquilo que ele pode transmitir ao exterior. (POLLAK, 1989, p. 08).

E isso pode ser claramente visto nas entrevistas realizadas e analisadas, com nossos sujeitos, os trabalhadores ferroviários, que dignificam tanto seu trabalho, como sendo uma forma de fuga das dificuldades que viviam. Podemos verificar isso, no depoimento abaixo:

O trabalho era difícil, pesado. Não tinha moleza. Um trilho pesava mais de mil quilos e tinha que ser colocado na via a braço, nada de máquinas. Precisava uns doze homens para carregar um trilho. [...] Mas posso assegurar que todos trabalhavam com muita dedicação e gostavam demais do que faziam. (DIÁRIO DA MANHÃ, 2004, p.15).

Como temos o intuito em trabalhar com a memória dos operários ferroviários, não podemos deixar de lembrar que, a memória não se constrói apenas com as lembranças, mas também com os esquecimentos. O próprio esquecimento é também um aspecto importante e relevante para o estudo e compreensão da memória, especialmente de grupos e comunidades. Muitas vezes, é voluntário o esquecimento de certo fato pelo grupo, fazendo com que, a memória coletiva possa reelaborar constantemente os fatos.

São inúmeros os fatores que fazem lembranças serem esquecidas e também superestimadas. Aí surge a grande importância de saber interpretar até mesmo os ditos silêncios, que às vezes podem significar muito mais do que qualquer lembrança. Com relação a esse tópico, Michel Pollach expõe que tanto o esquecimento como a lembrança não são somente uma escolha individual, como pode ser também coletiva, para manter-se uma unidade no grupo. (CARDOSO, 2012, p. 28).

Não podemos deixar de mencionar que além da preocupação em analisar os fragmentos da memória do indivíduo, para que esta permaneça, é necessário que esse indivíduo reafirme o que está sendo lembrado, não apenas por meio de seu discurso, mas também com o discurso do outro, pois a memória individual depende da memória coletiva, pois a memória depende da interação dos indivíduos. Holbwachs (2003) explica que para a

memória de um indivíduo se aproveite da memória de outros, é necessário que essas memórias concordem umas com as outras, para que haja pontos em comum e que dessa forma seja constituída uma memória coletiva.

Interessante ressaltar que, a memória coletiva, apesar de fundamentar a identidade de um grupo ou comunidade, normalmente se apegua a determinados acontecimentos considerados fundadores, o que faz com que o restante do passado seja simplificado (SILVA; SILVA, 2013, p.276). Isso nos remete a observar que, nem todo o fato que é lembrado pode constituir-se no mais importante. Os fatos considerados e muitas vezes reafirmados por um grupo podem não estar demonstrando a realidade complexa de determinada situação. O contexto no qual o acontecimento ocorreu e o qual estão sendo trazido pela memória devem ser analisados com extrema importância.

A construção de uma identidade

A identidade pode ser definida de diferentes formas. Para Dominique Wolton, a identidade pode ser definida como “[...] o caráter do que permanece idêntico a si próprio; como uma característica de continuidade que o Ser mantém consigo mesmo.” (SILVA; SILVA, 2013, P. 202). Por essa perspectiva, a identidade seria a maneira como certo indivíduo, por meio de suas características se vê ao longo do tempo, permitindo a construção do eu, por meio do qual esse indivíduo tornar-se-ia semelhante a si mesmo e também diferente dos outros.

Confirmando essa ideia, segundo Tomaz Tadeu Silva, “[...] a compreensão da identidade deve levar em consideração sua relação intrínseca com a diferença, pois a identidade não existe sem a diferença: ao dizer que somos brasileiros, estamos automaticamente dizendo que não somos alemães, nem chineses por exemplo.” (SILVA; SILVA, 2013, p.204). Essas colocações nos fazem perceber, que para existir a identidade, é necessário existir o comparativo, o relacional para estabelecermos em qual dos grupos estamos inseridos, ou melhor, nos sentimos inseridos. Aí se percebe a importância do outro, e do individual, para a construção da identidade, tanto a pessoal, como a coletiva.

Ao analisarmos conceitos relativos a identidade, temos que ter em mente que, a identidade não é algo inato, nem ao menos natural, mas sim, naturalizada, por meio de processos inconscientes, e que permanece sempre incompleta, sempre em processo de construção e de formação (CORACINI, 2007, p. 61). Marta Gomes Lucena Lima e o economista Roberto José Moreira (2009, p. 54) no artigo intitulado A fronteira binacional (Brasil e Uruguai): Território e Identidade Social, afirmam que ao se definir uma identidade tanto regional, étnica ou de classe, articula-se de forma simultânea e assimétrica, as representações não apenas da realidade, mas também a das imagens mentais, o que nos leva a constatar que a realidade, assim como a identidade, não é dada e sim socialmente construída, ou seja, adapta-se e modifica-se com o contexto em que está inserida, sendo também, algo inacabado.

Ser ferroviário

Até o presente momento, tratamos dos conceitos de memória e identidade, conceitos os quais perpassarão toda a nossa pesquisa. Nesse artigo, procuro fazer um panorama geral da pesquisa a qual esta sendo realizada, trabalhando esses conceitos chaves. As análises realizadas até o momento, nos mostram que a criação da identidade ferroviária, vai muito além do que nos é relato nas entrevistas (orgulho, dedicação, companheirismo). A construção dessa identidade nos remete a um passado um pouco mais distante do período o qual nos propomos a trabalhar.

No ano de 1920 ocorreu a encampação da Viação Férrea do Rio Grande do Sul (V.F.R.G.S.), a qual, desde 1905 estava sob o domínio da empresa belga *Auxiliare*, que, por inúmeros motivos, os quais, não iremos nos deter no momento, fez com que o governo estadual assumisse sua direção. Segundo Flôres (2009), a partir da estatização o serviço ferroviário retomaria e voltaria a crescer. Passou-se a resolução dos problemas técnicos da ferrovia, tentativa de modernização dos equipamentos, para oferecer serviços mais compatíveis com as necessidades dos usuários. Nesse período também, afirma Flôres, ocorreram tentativas de resolução dos problemas de pessoal, com o aumento da remuneração

e alguns outros benefícios para o trabalhador, que a partir desse momento passou a ter status de trabalhador do Estado; este poderia ser esse o início do chamado “orgulho ferroviário” e a criação da identidade ferroviária.

Silvana Grunewaldt, e seu artigo intitulado A Reforma de 1942 na V.F.R.G.S. e o Estabelecimento de uma Nova Cultura de Trabalho (2007)⁴, aborda as questões não apenas de benefícios oferecidas para os trabalhadores ferroviários, o que os mantinha também sob certo controle; mas procura mostrar como havia diversos regulamentos e circulares, onde constavam punições e sanções, se algum trabalhador infringisse determinado regulamento. Nessa mesma ótica, Trícia Andrade nos coloca que, para ingressar e manter-se no serviço ferroviário, era necessário o trabalhador ter boa conduta. Por meio de depoimentos, Cardoso (2010) nos mostra que, não apenas era observada a conduta dentro da empresa, mas também seus hábitos e atitudes perante a família e o meio social em que viviam⁵.

As colocações dos autores acima citados vêm ao encontro dos depoimentos até então analisados, os quais remetem as questões da importância do trabalhador seguir os regulamentos, que segundo eles, eram vários, e também na questão de boa conduta. Pois, segundo nossos entrevistados, os ferroviários eram “bem-vistos” pela sociedade⁶, tanto que, ao chegarem em qualquer estabelecimento comercial, ao dizerem que eram “ferroviários”, conseguiam crédito, pois todos sabiam que os ferroviários eram trabalhadores e honestos, ou seja, teriam como pagar dívidas contraídas.

Considerações finais

A memória e a identidade, como vimos, são totalmente interligadas, como nos diz David Lowenthal (2013). Necessitamos nos lembrar do passado para sabermos quem somos; pois somos o resultado de nossas experiências, tanto individuais como coletivas. Para

⁴Trabalho apresentado na IV Jornada do GT Mundos do Trabalho RS, 2007.

⁵ Esse tópico é abordado no trabalho de Cornelia Eckert, quando trata de certos regulamentos e requisitos para o trabalhador tornar-se um mineiro na Companhia “‘Este devia amar seu trabalho, sua casa, sua família’, em outros termos, ser um bom mineiro e um bom pai de família, mantendo relações cordiais com os seus, com colegas, vizinhos e chefes.” (ECKERT, 2012, p. 33).

⁶Aqui, estamos nos referindo as décadas de 50 e 60, quando o trabalhador, o qual entrevistamos, ainda fazia parte da V.F.R.G.S., e seu trabalho ainda possuía grande valorização no meio social.

Holbwachs (2003), nossas lembranças são mais coletivas que individuais, pois vivemos em uma sociedade, onde interagimos a todo o momento. Por isso, ao se trabalhar com lembranças, temos que ter em mente que essas lembranças são de um período específico, e que estão sendo relembradas em outro período, o que pode causar certas modificações e reelaborações, devido ao momento da rememoração. Daí a importância em se trabalhar com fontes documentais para melhor poder entender, comparar e analisar o discurso de nossos sujeitos.

A construção da identidade ferroviária nos traz vários desafios. Desafios estes, em se trabalhar com a história oral, com as lembranças, como colocamos acima. Há inúmeros fatores ligados a essa construção, os quais ainda estão sendo colhidos e analisados. Este artigo trouxe apenas uma parte do que a pesquisa em si propõe. A importância desses trabalhadores nos é visível, por tudo o que a ferrovia veio a trazer para diferentes regiões, e por todo o trabalho que sempre foi despendido por eles. No entanto, as indagações sobre essa identidade é que nos faz buscar em suas memórias e documentos o que os fez com que esse grupo fosse tão coeso e o que fez surgir nesses trabalhadores o chamado “orgulho ferroviário”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTI, Verena. Histórias dentro da História. In: PINSKI, Carla Bassanezi (organizadora). **Fontes históricas**. 3ª ed. São Paulo: Contexto, 2011.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos**. 2ed. São Paulo: T.A. Queiroz: Editora da Universidade de São Paulo, 1987.

CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (organizadores). **Novos Domínios da História**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

CARDOSO, Trícia Andrade. **Relembrando os trilhos: uma etnografia entre (e com) aposentados ferroviários em Santa Maria-RS**. Artigo de Graduação. Universidade Federal de Santa Maria, 2010.

CORACINI, Maria José. **A celebração do outro: arquivo, memória e identidade: línguas (materna e estrangeira), pluralismo e tradução**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2007.

ECKERT, Cornélia. **Memória e Trabalho: etnografia da duração de uma comunidade de mineiros de carvão (La Grand-Combe, França)**. 1ª ed. Curitiba: Appris, 2012.

DIÁRIO DA MANHÃ. **Especial Diário da Manhã 18 anos: Paixão de Ferro.** Quart. 31 mar/2004.

FLÔRES, João Rodolpho Amaral. **Os Trabalhadores da V.F.R.G.S.: profissão, mutualismo, cooperativismo.** Santa Maria: Pallotti, 2008.

FLÔRES, João Rodolpho Amaral. **O pragmatismo político dos ferroviários sul-riograndenses: com foco histórico a cidade de Santa Maria.** Santa Maria: Ed. Da UFSM, 2009.

GRUNEWALDT, Silvana. A Reforma de 1942 na VFRGS e o Estabelecimento de uma nova cultura de trabalho. Artigo apresentado na **IV Jornada do GT Mundos do Trabalho: RS. A Pesquisa do Trabalho- 1917, Noventa anos da Revolução Russa e das Greves Gerais no Brasil.** Pelotas, 08 a 11 de outubro de 2007.

HOLBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2003.

LEAL, Luana Aparecida MATOS. **Memória, Rememoração e Lembranças em Maurice Halbwachs.** Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia- UESB, Campus Vitória da Conquista, 2012. Acesso em: 24/10/2013. Disponível em: <http://www.lettras.ufscar.br/linguasagem/edicao18/artigos/045.pdf>

LIMA, Marta Gomes Lucena; MOREIRA, Roberto José. **A fronteira binacional (Brasil e Uruguai): Território e Identidade Social.** Disponível em www.dialnet.afrenteirbinacionalbrasileuruguai Acesso em 05/07/2013.

MATOS, Ualy Castro. **Identidade: Territórios existenciais.** Meu Artigo Brasil Escola. Disponível em <www.meuartigo.brasile scola.com> Acesso em: 20/05/2013.

MOTTA, Márcia Maria Menendes. História, memória e tempo presente. Pág. 23-36. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (organizadores). **Novos Domínios da História.** Rio de JANEIRO: Elsevier, 2012.

POLLACK, Michel. Memória, Esquecimento e Silêncio. **Revista Estudos Históricos.** Rio de Janeiro, v.5, nº 3, 1989, p.3-15.

SILVA, Kalina Vanderlei; Silva, Maciel Henrique. **Dicionário de conceitos históricos.** 3 ed., 2 reimpressão. São Paulo: Contexto 2013.

TEDESCO, João Carlos. **Nas cercanias da memória: temporalidade, experiência e narração.** Passo Fundo: UPF: Caxias do Sul: EDUCS, 2004.